DA RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM E MEMÓRIA: IMPLICAÇÕES PARA A NEUROLINGÜÍSTICA
(THE RELATION BETWEEN LANGUAGE AND MEMORY: IMPLICATIONS TO NEUROLINGUISTICS)

Fernanda Miranda da CRUZ (Universidade Estadual de Campinas)

ABSTRACT: *The object of this article is to bring to the field of Linguistics the epistemological debate about the relation between memory and language. I will take into account data from aphasic subjects and subjects with memory disturbances. This kind of data reveals enunciatively what is in the basis of the relation mentioned above.*

KEYWORDS: *memory; language; Neurolinguistics; aphasia.*

Seja no campo lingüístico, seja fora dele, sempre somos levados a pensar, ainda que de forma intuitiva, sobre como memória e linguagem estão associadas. Quando estamos conversando e nos falta uma palavra, o que haveria entre a evocação e a menção da mesma? Quando estamos na busca de um sentido "mais" preciso para o que queremos dizer, podemos dizer que haveria uma espécie de patrimônio lingüístico-discursivo que nos permitiria recombinar termos, selecionar os mais adequados, recusar outros, reconhecer na fala do outro enunciados que nos são familiares, sentidos que podem ser recuperados, compartilhados? Ao falarmos de atividades como combinação, seleção, reconhecimento e recuperação (de sentidos, de enunciados, de palavras), estamos falando de linguagem. Mas como não admitir que também estamos aqui falando de memória?

A teorização lingüística da segunda metade do século XX, ancorada numa perspectiva comunicacional e informacional da linguagem, ao conceber a linguagem como um instrumento cognitivo privilegiado entre os demais processos, vê na relação entre linguagem e memória um caráter meramente instrumental da primeira em relação à segunda, na qual a memória se reduz a uma espécie de processamento mental da informação. Nessa perspectiva, percebemos que a memória é reputada ao domínio mental, cujo entendimento estaria alheio à ordem da linguagem e seu funcionamento. No entanto, muitas indagações permanecem se tomarmos a memória como um processamento "mental" de informações armazenadas no cérebro. Como dar conta, por exemplo, da compreensão de alguns fenômenos como lapsos de memória flagrados na linguagem (esquecimento de nomes, do tópico conversacional ou discursivo); efeito ponta da língua, em que a memória do nome parece preservada, "*eu sei como se chama*", "*está na ponta da língua*", mas naquele momento não pode ser evocado; ou ainda dificuldade de encontrar palavras nas afasias (word finding difficult-WFD), definidas de forma geral como uma alteração de linguagem?

O que dizer dessas ocorrências que ora nos parecem um fenômeno lingüístico, ora neurocognitivo, ora psicanalítico?

Questões como essas são tradicionais na reflexão filosófica, que lança para a Lingüística a indagação sobre o lugar epistemológico reservado à linguagem na relação dos sujeitos com o mundo. O debate sobre as relações entre linguagem e memória não escapa a uma reflexão sobre cognição, se tomarmos a língua e seus mecanismos e processos de constituição e funcionamento como o lugar de investigação e compreensão tanto da memória quanto da linguagem. Isto pode ser feito admitindo que para a compreensão da memória entram em jogo outros processos que vão além de processos sensório-perceptivos e biológicos, como processos discursivos, sócio-culturais e subjetivos.

Quando reconhecemos em determinados enunciados outros enunciados já ditos e dispostos em nossa cultura, o fazemos porque haveria ali uma memória de sentidos que permanece latente. Tanto memória e linguagem parecem fazer sentido enquanto ações compartilhadas; lembremos aqui que *comemorar* etimologicamente nos remonta a um só tempo àquilo que concerne à linguagem (a narrativa) e àquilo que concerne à memória (a recordação).

A possibilidade de relacionar memória e linguagem também nos abre caminhos para desenvolver o debate existente entre a linguagem e a exterioridade, não apenas o que existe a partir da inserção de uma "língua memória" de que nos fala Saussure, mas da possibilidade de existência da memória marcada por vários planos que estão pragmaticamente relacionados entre si, dos quais podemos destacar o do sujeito com o mundo; dos sujeitos entre si; das histórias pessoais (narrativas, relatos de vida) com as histórias coletivas (episódios sociais, acontecimentos históricos, ações coletivas); das lembranças com os esquecimentos.

No campo da Neuropsicologia e da Neurolingüística, o diagnóstico de distúrbios cognitivos relacionados à memória e à linguagem estão tradicionalmente pautados em uma concepção representacional e referencial dos processos cognitivos. O resultado disto é que a linguagem acaba sendo vista como informação (armazenada e processada pela/na memória) e a memória como armazenamento dessa informação (como estocagem, recuperação imediata, voluntária e consciente do passado). Dessa forma a única relação possível é a de instrumentalidade (externa e dicotômica) entre esses dois processos. No caso de afasias e demências, por exemplo, levando-se em conta alguns testes neuropsicológicos, aquelas primeiras são uma questão de linguagem e estas uma questão de memória.

Recusando uma visão representacional e referencial desses dois processos e partindo de uma perspectiva enunciativa da Neurolingüística, é possível ver na relação entre linguagem e memória um caráter de reciprocidade, sendo as interações humanas e suas contingências pragmáticas o que as coloca em relação.

Para mostrar uma possibilidade de análise da relação linguagem e memória no campo lingüístico, tomarei como base alguns dados de sujeitos afásicos e de sujeitos com alterações de memória. O dado abaixo foi extraído de uma sessão do Centro de Convivência de Afásicos (CCA). Faz-se necessário aqui uma breve descrição das condições de produção

dos enunciados que serão abaixo apresentados para um melhor entendimento das concepções e do empreendimento teórico-metodológico deste estudo na área de neurolingüística. O CCA é um espaço de interação entre pessoas afásicas e não-afásicas, ligado ao Laboratório de Neurolingüística da Universidade Estadual de Campinas (São Paulo/Brasil). Um dos programas de atividades desenvolvido no CCA destina-se centralmente a atividades de linguagem. Nesse Programa de Linguagem procuramos explorar aspectos que constituem o funcionamento da linguagem em suas diferentes configurações (diálogos, comentários, narrativas, leituras, *etc*.), seus mecanismos de constituição e valor social. Para exemplificar, dentre as atividades desenvolvidas no CCA, estão: discussão em grupo sobre temas diversos, relativos ao que acontece no Brasil e no mundo; promoção comum de palestras; visita a museus e exposições, compartilha de eventos pessoais. Em termos práticos, isso faz com que a forma de observar a linguagem esteja ligada às variadas formas de (re)tomada dos usos da linguagem pelos sujeitos. (*cf*. Morato, 2002) Em resumo, o contexto de produção dos dados de que dispus para análise é o de uma situação enunciativa bem próxima de nossas práticas cotidianas com a linguagem.

O dado refere-se a uma das sessões semanais do CCA, datada de 15 de agosto de 2002. Estão presentes a investigadora EM, cinco sujeitos afásicos, MG, JM, EF, IP, SM e um sujeito com alterações de memória, FP. Ao decidir marcar a data de uma visita à exposição de flores em Holambra (SP), Expoflora, o grupo verifica na agenda as possíveis datas para a realização do passeio. Enquanto marcavam a data, que seria 12 de setembro de 2002, a pesquisadora EM chama a atenção para a data do dia anterior, 11 de setembro de 2002, em que se completa um ano do episódio que ficou conhecido como "11 de setembro", ocorrido em 2001, nos EUA.

EM: //*anota na lousa as informações referentes à viagem*// Que dia que é que nós vamos, gente. ... Nós vamos no dia doze, né? No dia doze. Bom, no dia anterior tem o aniversário de um evento muito esquisito, que afetou o mundo todo. O que que foi? O senhor tá fazendo assim//*referindo-se ao gesto afirmativo feito pelo JM com a cabeça* // é porque já lembrou?
JM: É num, num...
EM: Do que é que o senhor lembrou? O que é que aconteceu? Lembra do ONZE de setembro do ano passado? O que que aconteceu SM?
SM: Num tô bem lembrado.
EM: Num tá bem lembrado? Alguém tá lembrado?
IP: Da bomba lá dos Estados Unidos.
FP: Da bomba.
EM: Da bomba?
FP: Torres gêmeas.
EM: Olha!
FP: TINHA as torres gêmeas, né?
EM: Tinha, você falou bem. //*falando para o grupo*// Ele falou bomba, torres gêmeas, ele falou TINHA as torres gêmeas. Tinha as torres gêmeas. Isso onde? No Brasil?

FP: É no Brasil, nos Estados Unidos.
EM: Nos Estados Unidos, no Brasil o quê!
FP: Nova Iorque ainda.
EM: Foi em Nova Iorque. Se lembram que há quase um ano/ Houve o quê? Foi aquele ataque terrorista/
FR: Osama, né? Bin Laden.
EM: O Osama, Osama Bin Laden.(...) Será que tá morto aquele Osama, hein, gente?
EF: //*faz um gesto negativo com as mãos*//.
MG: Aquele homem não.
EM: Será que ele escapou, que pegaram ele? Mataram ele já, ou ele tá escondido, será?
FP: O Osama? Onde será que ele tá, hein?
EM: Sei lá onde tá. Por que você acha que alguém que vai fazer aquele ataque fica lá esperando no Afeganistão?
FP: O mundo inteiro qué pegar ele, né?

É interessante observar aqui como a linguagem vai se constituindo como um lugar de materialidade da memória. A recuperação do episódio 11 de setembro se dá pelo reconhecimento do grupo de termos como "*prédio*", "*torre*", "*EUA*", "*Osama Bin Laden*", "*ataque terrorista*". O episódio do "11 de setembro" foi sendo reconstituído pelo grupo enunciativamente. O trabalho de linguagem aqui está intimamente relacionado à possibilidade de reconhecimento dos interlocutores daquilo que está sendo falado, ou seja, de um episódio ocorrido que data de onze de setembro, e que "*afetou todo o mundo*", conforme as primeiras informações dadas pela investigadora EM. Foi preciso enfatizar que a data não era apenas um marco temporal, mas "*onze de setembro*" é a nomeação daquilo de que se pretende falar, enfatizado por EM em "*ONZE de setembro.*" Em seguida IP, por processo de referenciação, dá outras informações, "*da bomba lá dos Estados Unidos*", que de um lado confirma que se trata da evocação de um mesmo episódio e de outro permite o compartilhamento do tópico com os demais interlocutores, demonstrada quando FP retoma o referente "*bomba*". Mas o referente "*bomba"* não parece "dar garantia" de que se trata do referido 11 de setembro, marcado pela interrogação de EM, "*Da bomba*?" FP então recategoriza, "torres gêmeas." Ao dizer em seguida "Tinha as torres gêmeas", FP traz para um plano narrativo o tópico em questão. Os demais interlocutores podem fazer as inferências de que não existem mais as torres gêmeas.

Podemos ver que alguns fenômenos lingüísticos reconhecidos no dado acima estão no limiar de uma relação estreita entre memória e linguagem como a referenciação ("bomba", "torres gêmeas"; "Osama Bin Laden", "aquele homem"), o reconhecimento de pré-construídos ("onde está o Osama?", "o mundo inteiro qué pegar ele."), a meta-enunciação ("tinha, você falou bem") recategorização, ("ataque terrorista", "Osama"). Com isto, verifica-se que a relação entre linguagem e memória aqui é de constitutividade e de trabalho mútuo entre os dois processos revelados na prática com a linguagem. Aqui temos a possibilidade de falar de pelo menos três planos de relações entre linguagem e memória a

partir de uma perspectiva enunciativo-discursiva da memória: em uma memória de saberes, de conhecimento e de crenças sobre o mundo; em uma memória das situações de comunicação que se constituem de "dispositivos e contratos de comunicação", em uma memória das formas, que se constitui de algumas maneiras de dizer e de estilos de falar (*cf*. Charaudeau, 2000).

Através da linguagem, podemos "checar" e "(re)constituir" memórias próprias e alheias, do presente e do passado. Pela linguagem, a memória se constitui num ato de reflexão sobre seus conteúdos e formas cada vez que os evoca e é a partir da linguagem que podemos transformar em novo o retorno do evento (*cf*. Foucault, 1969).

Lembramos e compartilhamos aquilo que constitui os conteúdos de nossa memória, seja pessoal, seja coletiva, como o episódio do 11 de setembro, em práticas com a linguagem, no diálogo, no discurso, nas conversas cotidianas. O fato evocado atualiza a memória e acaba por posicionar o sujeito em relação à sua memória, mais do que em relação direta com os fatos ocorridos eles mesmos. Ao fazer isto o sujeito coloca-se em relação com os sentidos produzidos na linguagem e constituídos pela linguagem.

Desse modo, faz-se imprescindível dar conta de desenvolver uma teoria em torno de um quadro relacional entre linguagem e memória que vá buscar na prática efetiva de realização destes processos as bases para compreensão da linguagem e da memória, garantida pelo exercício de (inter)subjetividade com a linguagem.

RESUMO: *O objetivo deste trabalho é trazer para o campo da Lingüística o debate epistemológico a respeito das relações entre memória e linguagem. Tomarei como base dados de sujeitos afásicos e com demência de Alzheimer, em que se revela enunciativamente o que está na base da relação*.

PALAVRAS-CHAVE: *memória; linguagem; Neurolingüística; afasias, alterações de memória.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADDLEY, Allan. *La Memoire Humaine- theorie e pratique*. Presses Universitaires de Grenoble, 1993.

BERGSON, Henry. *Matéria e Memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito, trad. Paulo Neves Silva, São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade - Lembrança de Velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1994

BURKE, Peter. & PORTER, Roy. (1993) *Linguagem, indivíduo e sociedade: história social da linguagem.* São Paulo: Ed. UNESP, 1993.

CARDEBAT, D. DEMÓNET, J. F. PUEL, M.; NESPOULOUS, J. L.; RASCOL, A. *Langage et Démences*. Masson: Paris, 1991.

CHARAUDEAU, Patrick. & MAINGUENEAU, Dominique. *Dictionaire d´analyse du discours*. Ed. Seuil: Paris, 2002.

CHRISTENSEN, Anne-lise. *El diagnóstico neurológico de Luria* , Buenos Aires: Visor, 1987.

COUDRY, Maria Haddler. & MORATO Edwiges Maria. *Alterações neurolingüísticas na Demência do tipo Alzheimer*. Congresso Brasileiro de Psiquiatria Biológica, 1991.

COUTURIER, Claudine. Journal d´une Alzheimer. Ed. Josette Lyon: Lyon, 2001.

FOLSTEIN, M. FOLSTEIN, S. & MCHUGH, P. *Mini Mental State in* Journal Psychiat, Vol.12, pp. 189/198, 1974.

FOUCALT, Michel, *O Nascimento da Clínica*, RJ: Forense Universitária, 1987.

FREUD, Sigmund. *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

LEBRUN, Yves. Alzheimer versus Broca e Wernicke. *Aphasiology*, 2, 1988.

LEIBING, A. & BENNINGHOFF, S. (orgs) *Devorando o tempo: Brasil, um país sem memória*. São Paulo: Mandarim, 2001

LURIA, Alexander R. *A mente e a memória: um pequeno livro sobre uma vasta memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do discurso.* Campinas, São Paulo: Ed. Pontes, 1989.

MORATO, Edwiges Maria. *Um estudo da confabulação no contexto neuropsicológico:* o discurso à deriva ou as sem-razões do sentido. Tese de Doutoramento. Campinas-SP, 1995.

PIRES, José Cardoso. *De Profundis — Valsa Lenta*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

VAN DIJK. *Cognição, Discurso e Interação*. São Paulo: Contexto, 1988.